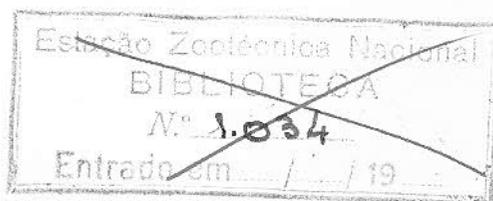
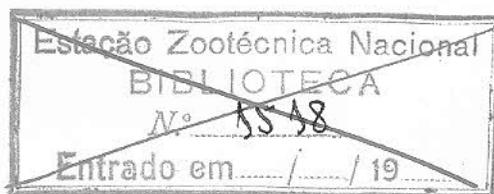


BOLETIM PECUÁRIO



INTENDÊNCIA DE PECUÁRIA DE BRAGA

De harmonia com o disposto no art.º 6.º do Decreto n.º 24.206, de 21 de Julho de 1934, procedeu esta Intendência de Pecuária ao apuramento e apreciação dos documentos relativos ao *Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira*, realizado em 31 de Dezembro de 1940.

Do presente relatório constam tôdas as conclusões a que se chegou depois de cuidadosa apreciação dos referidos documentos, enviados a êste serviço por intermédio dos veterinários municipais e delegados policiaes.

Acusa a área do distrito de Braga a maior riqueza pecuária da metrópole, para a qual contribui essencialmente a intensa exploração do gado bovino. Esta circunstância fez que dedicássemos a máxima atenção ao manifesto, cujos resultados vamos de seguida apreciar.

OS TRABALHOS DE MANIFESTO

Se bem que o distrito de Braga seja constituído por grande número de freguesias (507) e acuse elevada densidade populacional¹, a observação da maneira como decorreram os trabalhos do arrolamento e a sua apreciação final deixam-nos a convicção de que a generalidade dos possuidores de gados cumpriu as obrigações de ma-

1—Segundo números já averiguados com certo rigor sôbre o *VIII Recenseamento Geral da População* no distrito de Braga, realizado em 12 de Dezembro de 1940, portanto pela mesma ocasião em que se efectuou o censo pecuário de que estamos aqui tratando, esta circunscrição administrativa, nos seus 2.730,20 quilómetros quadrados de superfície, comporta 482.914 almas, o que corresponde à densidade de 176,9 habitantes por quilómetro quadrado.

O concelho de mais elevada população absoluta é o de Guimarães, com 80.839 habitantes, ou 320,1 por quilómetro quadrado, e o menos povoado, em absoluto e relativamente, o de Terras do Bouro, com o total de 11.139 e a densidade de 42.

Ao contrário do que à primeira vista poderá parecer, o concelho de Guimarães não é porém ainda o de mais alta população relativa. Neste ponto de vista está bastante excedido pelo de Braga, cuja densidade se eleva a 429,3.

Enquanto se não faz o apuramento definitivo, nos *Resultados Prováveis nos Distri-*

nifesto; só oferecem maior reparo certas deficiências da quantidade de declarantes de animais de capoeira.

Por conseqüência, quanto ao número geral de manifestantes, pode considerar-se que os trabalhos decorreram com regularidade, sem contudo isso excluir de todo a inevitável existência de alguns infractores, em número certamente reduzido, porque apenas foram enviadas onze notas de transgressão pelos regedores.

Para tão lisonjeiro resultado contribuiu especialmente a publicidade levada a efeito pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários através da imprensa periódica de maior divulgação no País e por intermédio da radiodifusão, fora folhetos de propaganda e de esclarecimentos sôbre a execução do manifesto, largamente distribuídos pelos delegados policiais, grêmios da lavoura, etc.

Por sua vez esta Intendência de Pecuária solicitou a publicação, nos dois jornais diários de Braga, de uma nota em que anunciava a realização do manifesto e se expunham os altos fins nacionais que com êle se pretendiam atingir, além de se esclarecerem os possuidores de gado e animais de capoeira de que as suas declarações teriam carácter confidencial e não poderiam servir de base para quaisquer encargos tributários.

Os veterinários municipais actuaram à sua parte nos respectivos concelhos, difundindo, por intermédio dos regedores, instruções sôbre o processo de mais eficientemente se realizar o manifesto e conseguindo ainda nos jornais locais a publicação de notas sôbre a execução do mesmo.

A acção dos veterinários municipais foi das mais valiosas, não só pelos esclarecimentos que prestaram aos regedores e declarantes, mas ainda pela orientação que imprimiram ao serviço. De entre êstes merece especial referência o veterinário municipal de Guimarães com a apresentação de um bem elaborado relatório.

Com absoluto espírito de justiça deverei salientar também o papel preponderante dos párocos das freguesias, os quais, cônscios da alta missão que lhes incumbe junto das populações rurais, em regra incultas, por várias vezes elucidaram os seus paroquianos à hora da missa conventual sôbre a importante finalidade que visam

tos e Concelhos do Continente e Ilhas, publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, computa-se a população geral do território continental em 7.166.075 habitantes, a qual, referida aos 88.683,54 quilómetros quadrados do País, dá a densidade de 80,8 por unidade de superfície.

Vê-se portanto como elevada é a população do distrito de Braga, cuja densidade supera bastante o dôbro da do País.

Contudo, para melhor e mais perfeita confirmação do que acabamos de dizer, não será com certeza menos a propósito, segundo se nos afigura, referir a densidade de cada um dos treze concelhos do distrito. Assim, com menos de 50 está apenas o de Terras do Bouro; o de Vieira do Minho tem 78,5; Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto têm 81,3 e 87,6, respectivamente; constituem outro grupo o de Póvoa de Lanhoso com 157,3, o de Fafe com 171,7 e o de Vila Verde com 178,5; seguem-se o de Barcelos com 184,7 e o de Amares com 187,8; vêm depois o de Esposende com 221,1 e o de Vila Nova de Famalicão com 262,3; finalmente, o de Guimarães com 320,1 e o de Braga com 429,3.

arrolamentos desta natureza, esclarecendo-os igualmente de que não deveriam ver nêle qualquer relação com o pagamento de contribuições, mas apenas a colheita de elementos que viriam a servir de base ao estudo dos problemas pecuários nacionais, assunto que, como é óbvio, a todos interessava.

Os delegados policiais concelhios prestaram igualmente bom auxílio, quer esclarecendo por escrito, quer convocando os regedores para reuniões em que lhes foram dadas explicações àcerca do serviço e se lhes mostrou a importância do manifesto.

Em destaque deve ser pôsto o árduo trabalho dos regedores, que por via de regra cumpriram conscienciosamente as suas obrigações, chegando alguns a mandarem distribuir os impressos de declaração pelos fogos das respectivas freguesias para que o manifesto resultasse o mais exacto possível.

Por sua vez os proprietários de gado, habituados de há anos a declararem as suas produções agrícolas, não mostraram geralmente relutância em acatar as disposições dêste manifesto, porquanto se convenceram já de que nenhum agravo tributário lhes advirá por êsse motivo.

Outro tanto se não pode certamente dizer da gente pobre, possuidora somente de animais de capoeira. Verificou-se haver da sua parte algum receio em os manifestar, receio nascido do actual estado de guerra e agravado pelos negociantes de ovos e criação, que assim pretenderam provocar certo mêdo e desconfiança para adquirirem êsses animais a baixo preço.

Englobando êste arrolamento um apreciável número de espécies animais, subdividas por idades, sexos, estaturas, categorias e caracteres vários, algumas dúvidas surgiram no preenchimento das declarações, muitas das quais não puderam ser desfeitas na oportunidade própria.

Assim, na espécie bovina foram registadas como leiteiras algumas vacas de trabalho da raça barrosã em função lactígena, êrro que sofreu conveniente correcção tanto quanto esteve na possibilidade e conhecimento dos serviços desta Intendência de Pecuária.

Quanto aos lanígeros, notou-se a princípio grande confusão por parte dos manifestantes e de bom número de regedores no referente à destringa entre *ovinos churros* e *não churros*. Esta Intendência de Pecuária prestou directamente numerosas informações aos regedores e recomendou aos veterinários municipais o maior cuidado na classificação dos arietinos, mostrando-lhes o máximo empenho de que fôsem a êsse respeito instruídas aquelas autoridades administrativas. Dêste modo se evitou maior irregularidade nas inscrições dos ovinos nas categorias de churros e não churros, pois não foi possível impedir em absoluto que alguns concelhos apresentassem dados que podemos considerar menos correctos.

Dos concelhos que a êste respeito oferecem maior suspeita, destacamos os de Guimarães e de Vila Nova de Famalicão, cujo número de ovinos churros não poderá atingir o dos não churros, inversamente do que se apurou das respectivas declarações.

Manifestantes — Apresentamos seguidamente a relação do número de declarantes em confronto com o do arrolamento de 1934.

CONCELHOS	MANIFESTANTES		DIFERENÇAS	
	1934	1940	Para mais	Para menos
Distrito	65.189	65.443	254	
Amares	2.508	2.578	70	
Barcelos	8.988	8.914		74
Braga	7.030	6.183		847
Cabeceiras de Basto	3.264	3.229		35
Celorico de Basto	4.054	4.226	172	
Esposende	2.658	2.480		178
Fafe	5.711	6.362	651	
Guimarães	9.961	10.441	480	
Póvoa de Lanhoso	3.377	3.633	256	
Terras do Bouro	1.757	1.831	74	
Vieira do Minho	2.371	2.479	108	
Vila Nova de Famalicão	6.728	6.797	69	
Vila Verde	6.782	6.290		492

A diminuição do número de manifestantes no concelho de Braga deve possivelmente atribuir-se ao desaparecimento de grande quantidade de possuidores de animais de capoeira, principalmente nas freguesias da cidade, e, secundariamente, nas outras que, embora mais afastadas, são notáveis centros populacionais, seguindo-se assim a regra geral da diminuição de animais de capoeira nas zonas urbanas.

Em referência ao concelho de Vila Verde, inclinamo-nos a crer que o manifesto actual não corresponde ao rigor com que foi executado o de 1934, para o que certamente concorreu o menor interesse das autoridades administrativas e estar vago o lugar de veterinário municipal.

Em Esposende devem ter contribuído para a baixa de manifestantes os possuidores de animais de capoeira na sede do concelho e nas freguesias de maior densidade populacional.

Nos concelhos de Barcelos e Cabeceiras de Basto a redução no número de manifestantes foi tão deminuta, que não merece maior reparo.

Os restantes concelhos acusam número de declarantes superior ao do arrolamento de 1934. Tal facto deve interpretar-se como demonstrativo do progresso que nêles manifesta a indústria pecuária, consoante era lógico esperar; trata-se de uma zona de intensiva exploração agrícola, onde, aliada a uma crescente densidade populacional, se nota ao presente uma luta, cada vez mais tenaz e digna de registo, pelo amanhã da terra.

EFFECTIVOS PECUÁRIOS

Como se verifica dos mapas a seguir, é manifesta a decadência das espécies exclusivas de trabalho, tendência observada há bastantes anos, em contraste com o desenvolvimento da exploração das espécies fornecedoras de carne.

Efectivos pecuários em 1940
(Cabeças naturais)

CONCELHOS	G A D O S										ANIMAIS DE CAPOEIRA				
	Eguas	Mães	Asininos	BOVINOS			Ovinos	Caprinos	Suínos	Galbas	Patos	Farus	Pombos	Coelhos	
				de trabalho	leiteiros	Total									
Amares	135	13	44	3.672	9	3.681	2.708	1.938	3.021	22.450	254	247	778	1.688	
Barcelos	582	84	97	16.120	919	17.039	16.240	1.634	6.414	71.400	514	631	7.374	9.251	
Braga	198	72	105	9.512	448	9.960	4.718	1.520	5.412	51.366	620	750	5.945	5.819	
Cabeceiras de Basto	240	24	82	6.029	151	6.180	12.371	9.853	3.577	24.421	185	168	423	4.616	
Celorico de Basto	414	46	80	7.256	382	7.638	7.917	2.815	4.048	28.844	171	232	1.242	3.425	
Esposende	84	36	53	3.258	1.255	4.513	2.357	427	2.238	19.541	153	261	2.970	2.962	
Fafe	325	190	144	9.290	863	10.153	14.728	1.893	4.498	45.856	361	272	2.648	5.017	
Guimarães	285	196	76	10.152	2.207	12.359	4.133	668	9.644	87.727	770	1.089	16.299	5.803	
Póvoa de Lanhoso	246	36	95	5.832	95	5.927	6.164	2.100	3.822	32.734	127	168	1.431	2.513	
Terras do Bouro	275	7	52	3.991	15	4.006	9.561	15.494	2.464	13.833	80	96	313	364	
Vieira do Minho	297	15	103	5.893	15	5.908	14.434	7.685	3.396	16.989	69	114	387	323	
Vila Nova de Famalicão	263	65	66	8.130	439	8.569	5.887	1.369	5.793	60.887	762	918	7.756	5.055	
Vila Verde	526	87	115	10.309	57	10.366	12.888	4.973	6.063	51.145	362	320	2.063	2.946	
Totais (distrito)	3.820	871	1.112	99.444	6.855	106.299	114.106	52.369	60.390	527.193	4.428	5.326	49.629	49.513	

Valor dos efectivos pecuários

(Escudos)

CONCELHOS	Egíntos	Muare	Asíninos	Bovinos	Ovinos	Caprinos	Suinos	Galinhas	Patos	Perus	Pombos	Coelhos	Total
Amare	135.000	20.800	13.200	5.153.400	162.480	174.420	906.300	179.600	1.270	8.645	1.167	8.440	6.764.722
Barcelos	1.020.250	134.400	33.950	25.471.500	1.055.600	163.400	2.566.400	570.928	2.570	24.185	11.632	46.255	31.100.470
Braga	277.200	115.200	36.750	13.944.000	306.670	152.000	1.894.200	462.294	3.100	26.250	8.917	29.095	17.255.676
Cabeceiras de Basto	228.000	40.800	32.800	7.416.000	618.550	772.240	1.062.900	146.526	925	5.880	634	23.080	10.348.335
Celorico de Basto	393.300	78.200	32.000	9.165.600	395.850	225.200	1.214.400	173.074	855	8.120	1.863	17.130	11.705.592
Esposende	134.400	54.000	18.550	6.769.500	153.205	42.700	895.200	136.787	865	9.135	8.455	13.460	8.232.257
Fafe	568.750	342.000	50.400	14.214.200	810.040	151.040	1.553.300	274.836	1.805	9.520	3.970	25.335	18.005.196
Guimarães	376.000	352.800	22.800	18.540.000	269.035	66.800	3.813.600	702.008	3.850	38.115	24.439	29.135	24.238.582
Póvoa de Lanhoso	246.000	57.600	28.500	7.822.100	368.640	189.000	1.337.700	196.404	635	5.880	2.146	12.565	10.267.170
Terras do Bouro	261.250	10.500	18.200	4.648.800	478.050	1.239.520	739.200	82.998	400	3.360	469	1.820	7.484.567
Vieira do Minho	282.150	24.000	36.050	7.089.600	721.700	614.800	1.018.800	101.934	345	3.990	580	1.615	9.895.564
V. N. de Famalicão	460.250	123.500	16.250	13.710.400	382.525	136.900	2.317.200	487.096	3.810	32.270	11.634	25.275	17.707.110
Vila Verde	631.200	139.200	34.500	13.475.800	708.840	447.570	2.122.050	358.051	1.810	11.500	3.094	14.730	17.948.045
Totais (distrito)	5.013.750	1.493.000	373.950	147.420.900	6.431.185	4.375.590	21.441.250	3.872.536	22.240	186.550	74.400	247.935	190.953.286

Efectivos pecuários através dos vários arrolamentos

(Cabeças naturais)

ESPÉCIES	1870	1920	1925	1934	1940	Diferenças entre os dois últimos	
						Para mais	Para menos
Gados							
Eqüinos	5.166		4.165	4.318	3.820		498
Muare.	1.260		883	1.021	871		150
Asininos	2.089		1.738	1.366	1.112		254
Bovinos	64.276	97.656	98.405	103.926	106.299	2.373	
Ovinos	74.916	127.150	115.336	89.981	114.106	24.125	
Caprinos	22.235	75.325	76.348	45.962	52.369	6.407	
Suínos	57.660	50.357	67.302	43.253	60.390	17.137	
Animais de capoeira							
Galinhas				582.063	527.193		54.870
Patos.				3.794	4.428	834	
Perus.				4.330	5.326	996	
Pombos.				56.877	49.629		7.248
Coelhos.				45.146	49.513	4.367	

Relativamente aos gados, o confronto dos efectivos específicos de 1934 e de 1940 revela as seguintes variações numéricas por concelhos:

CONCELHOS	Eqüinos		Muare		Asininos		Bovinos		Ovinos		Caprinos		Suínos	
	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos
Distrito		498		150		254	2.373		24.125		6.407		17.137	
Amare.		5		13		17	298		215		526		1.045	
Barcelos	127			40		1	1.420		4.074		124		2.107	
Braga.		30		26	10		89		1.140		138		1.146	
Cabeceiras de Basto		3		19		58	159		2.062		3.490		783	
Celorico de Basto.		33		10		30	261		1.464		749		916	
Esposende	12			43		39	45		1.166		138		532	
Fafe		26	72		12		732		2.076		317		1.103	
Guimarães		28	27		33		204		1.399		51		3.116	
Póvoa de Lanhoso		97		16		69	198		1.051		23		988	
Terras do Bouro		92		1		4	349		2.286		361		702	
Vieira do Minho		112		31		11	61		2.653		282		771	
Vila N. de Famalicão		17		35		17	52		1.223		24		1.747	
Vila Verde		193		15	2		276		3.320		1.011		1.979	

Analisemos sumariamente o que traduzem as oscilações de cabeças naturais.

Eqüinos — O número de cabeças sofreu uma redução de 11,50% nos seis anos decorridos entre os dois últimos arrolamentos.

Para êste resultado contribuíram em maior ou menor escala todos os concelhos do distrito a cargo desta Intendência de Pecuária, excepto o de Barcelos, onde se nota o aumento de 27,5 %, e o de Esposende, com o acréscimo de uma dúzia dêstes solípedes.

Êste facto lisonjeiro, aliado à observação de que a diminuição de cabeças cavallares teve menor intensidade nos concelhos criadores que mais influenciados se encontram pelos postos hípicas oficiais, obrigam a concluir que a disseminação dêstes postos e o estabelecimento de um Depósito de Garanhões em Barcelos têm animado a produção cavallar, contribuindo assim bastante para o seu fomento.

Pena é que o Exército, a quem mais interessa esta espécie, não acompanhe o esforço dispendido pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, adquirindo os produtos em mais tenra idade e completando seguidamente a sua recriação até poderem convenientemente prestar o serviço que lhes é exigido.

Muares — A deminiuição do número dêstes híbridos atingiu 14,69 % em todo o distrito, deminiuição explicável pelo progresso dos factores que determinaram a decadência da exploração geral dos eqüídeos.

No entanto verifica-se no concelho de Fafe, a par do ligeiro aumento no de Guimarães, sem significado próprio, um acréscimo de 6,1%. Tal facto é certamente devido ao desenvolvimento local da criação mulateira em virtude dos híbridos alcançarem no mercado maior valor do que os produtos cavallares, e poderem vender-se bastante mais novos nas feiras, o que dispensa os criadores de aguardarem a sua recria completa, a que se veriam obrigados, e os preserva ao mesmo tempo dos riscos do capital, a que se encontrariam sujeitos se explorassem a criação hípica e pretendessem oferecer os respectivos produtos ao Exército.

Asininos — O decrescimento, que chega a 18,66 %, suplanta o do gado cavallar e o do gado muar.

O número de cabeças agora arroladas a mais em três concelhos é tão deminuto, que bem se pode considerar excepção para confirmar a regra do pouco interêsse que há, ao presente, na exploração do gado asinino, feito em grande parte da frequência e facilidade dos transportes mecânicos, que conduzem de um para outro ponto produtos ainda há bem poucos anos levados por animais desta espécie.

Bovinos — O efectivo bovino aumentou 2,18% em relação ao do arrolamento de 1934, seguindo assim a marcha ascendente que revelam a maior parte das espécies alimentares.

Merece esta oscilação uma análise pormenorizada, muito embora ela se torne difícil em consequência da falta de correspondência absoluta entre os dados do arrolamento de 1934 e de 1940. Nota-se aumento nos animais adolescentes, até à idade de seis meses, significação evidente do interêsse que geralmente reveste a criação bovina.

Em correspondência com este facto observa-se que é extraordinário o aumento do número de novilhas e de vacas em detrimento do de novilhos e de bois, demonstrativo da defesa do lavrador, que se socorre do sexo de maior rendimento por virtude da sua multiplicidade de funções.

Existe ainda outra razão justificativa do aumento do número de vacas em substituição dos bois — a expansão que, regra geral, vem tendo a vaca turina, particularmente nos concelhos onde mais se encontra desenvolvida a indústria leiteira (Esposende, Barcelos e Guimarães).

Notaremos todavia que a pequena percentagem do aumento de cabeças se encontra, por factores vários, abaixo da tendência que tem animado a exploração do gado vacum. Convencemo-nos de que durante a guerra civil de Espanha o número de cabeças bovinas era bastante superior ao actual; seguidamente, mercê da crise de desvalorização experimentada pelos animais desta espécie, para o que contribuiu a superabundância motivada não só por falta da exportação para o país vizinho, como pela da saída clandestina através da raia sêca, aumentou consideravelmente o consumo da carne de vaca e perdeu-se o interêsse pela criação, recriação e ceva. Daqui resultou evidentemente uma redução no número de cabeças até um nível semelhante ao de 1934.

Com a organização da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e adopção das suas medidas de valorização do gado bovino, e ainda com a cotação extraordinária que a guerra inicialmente trouxe aos coiros, peles e sebos, além da antevisão da possibilidade de se exportar alguma carne preparada, observou-se tendência para a recomposição dos efectivos bovinos e animou-se bastante o preço dos animais desta espécie. Isto levou os lavradores a conservarem o gado de criação e recria — as vacas, pelas crias e leite que podem dar, fora o trabalho; os novilhos e novilhas, pelo capital seguramente crescente que representam.

Ovinos — Acusou esta espécie o aumento de 26,81%, muito superior ao registado em 1934.

O acréscimo foi geral em todos os concelhos e revelou-se talvez com maior intensidade nos menos acidentados do que nos serranos.

O interêsse geral pela criação ovina deve atribuir-se não só ao melhor preço das reses adultas e adolescentes, mas também à melhor cotação destas, fixada pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Talvez não tenha deixado também de influir no aumento numérico de cabeças a crise agrícola, que levou muitos lavradores a voltarem mais estritamente aos hábitos antigos da fiação da lã e preparação caseira dos seus agasalhos.

Caprinos — Os animais desta espécie, contrariamente à corrente seguida pelos ovinos, continuaram a ser expulsos das zonas baixas do distrito e obrigados a concentrarem-se principalmente nas partes montanhosas, facto não de surpreender, por isso que tal gado, pelo seu dente daninho, cada vez se revela mais inconveniente nos campos de cultura intensiva, a qual se torna mister não só alargar, mas continuar sem desfalecimento.

O regime de licenças das Câmaras Municipais e o melhor policiamento da propriedade rural mais contribuíram para afastar dos campos de cultura os indiví-

duos desta espécie. É ao desenvolvimento da sua exploração nos terrenos de bravio que deve certamente atribuir-se em parte o aumento de preço destes animais e das suas crias.

Contudo, em relação ao arrolamento de 1934, verificou-se ainda assim um aumento considerável de 13,49 %.

Suínos — Estes animais, que fazem parte da economia doméstica do casal agrícola, acusaram um acréscimo de 39,15 %, o maior aumento registado nas espécies pecuárias.

Dizimada em grande escala pela peste suína e septicémia hemorrágica em época imediatamente anterior à do manifesto de 1934, esta espécie acusou no de agora cifras bastante inferiores às do arrolamento de 1925.

Poder-se-á, pois, dizer que os actuais números traduzem a recomposição do efectivo porcino na área desta Intendência de Pecuária, recomposição que certamente se excederia se a crise de preços não tivesse determinado certo abandono da criação suína quando em 1938 a cotação da arrôba de carne desceu a cerca de 60\$00 e os porcos alentejanos subiram às feiras do Minho, fazendo ruínosa concorrência aos criadores desta província.

A animação dos preços deste gado passou a interessar no ano transacto os lavradores, facto documentado no aumento considerável de porcas de criação e de suínos adolescentes, ao mesmo tempo que se nota diminuição de porcos adultos.

Animais de capoeira— Quanto aos indivíduos deste grupo, a comparação dos efectivos específicos de 1934 com os de 1940 dá a conhecer as seguintes variações quantitativas por concelhos:

CONCELHOS	Galinhas		Patos		Perus		Pombos		Coelhos		
	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	Mais	Menos	
Distrito.		54.870	834		996			7.248	4.367		
Amares.		2.682	110		154			148	15		
Barcelos.		12.325	22		100			3.037		1.099	
Braga.		11.291	37			54		2.941		612	
Cabeceiras de Basto. . .		86		17	62			53	1.549		
Celorico de Basto. . . .	249			56		25	186		1.151		
Esposende.		3.078		24	50			1.068		483	
Fafe.	2.175		67			17	610		2.844		
Guimarães.		11.794	286		389		2.107		1.761		
Póvoa de Lanhoso. . . .		608		6	25			515	393		
Terras do Bouro.	2.541		45		79			64		183	
Vieira do Minho.	467			81	32		40			520	
Vila Nova de Famalicão. .		8.261	229		129			1.110	426		
Vila Verde.		10.237	22		76			1.281		794	

Aves — Excluídos os patos e os perus, numéricamente reduzidos e cuja oscilação para mais ou para menos não oferece significado de maior, observa-se que os efectivos de galinhas e pombos, sobretudo o das primeiras, decresceram em grandes proporções.

Podemos talvez atribuir a razão capital desta quebra no valor da riqueza avícola do distrito ao péssimo ano agrícola transacto, que deixou sem milho necessário para o pão quotidiano o lar de muitos pequenos lavradores.

Desta forma se condicionou a redução do número de galinhas, vista a dificuldade de as alimentar, como habitualmente, com alguns bagos de milho.

Nos pombais deixou também de ser distribuído êsse alimento como nos anos de abundância, donde resultou os columbinos procurarem na seara alheia o seu sustento e serem naturalmente mais exterminados. Contudo regista-se nos concelhos de Guimarães, Fafe e Celorico de Basto o aumento do número de pombos em relação a 1934, para o que contribuiu bastante a procura do estrume destas aves (columbina) com destino à indústria de curtumes.

Estamos crentes de que, se tal procura se não fizesse tão assiduamente na região de Guimarães e concelhos próximos, os pombos teriam igualmente ali sofrido baixas consideráveis.

Quanto às galinhas, à mortalidade pela cólera acresce o efeito do frigidíssimo Inverno, que retardou muito a época das incubações. Por êste motivo deixaram de ser mencionadas muitas ninhadas de pintos, o que certamente não aconteceu no arrolamento passado.

Coelhos — Acusando alguns concelhos maior e outros menor número de cabeças, resulta no apuramento final um aumento de indivíduos desta espécie, variação que se poderá explicar pelo interêsse na criação de tais roedores na mira de aproveitar ao máximo os restos de frutas, tubérculos e verduras, tão abundantes no Minho.

Êstes animais, além de constituírem um esplêndido açougue, sempre à mão nos meios rurais, encontram fácil mercado nas feiras regionais.

NÓTULA SÔBRE A ECOLOGIA PECUÁRIA

A área desta Intendência de Pecuária, cuja jurisdição abrange o distrito de Braga, é apenas uma parte da região minhota, parte que se continua ao Norte pelo distrito de Viana do Castelo e ao Sul pelo do Pôrto; a Nascente encontra-se bem delimitada da região trasmontana pela divisão administrativa, excepto no tocante aos concelhos de Ribeira de Pena e Mondim de Basto, ambos ainda com características acentuadamente minhotas.

Devemos contudo notar que há uma faixa a Nordeste, caracterizadamente serrana, e uma orla litoral, directamente influenciada pela proximidade do mar, que se afastam um pouco da fisionomia típica da região que consideramos.

A primeira compreende a parte do concelho de Terras do Bouro acidentada pela serra do Gerez, e parte dos concelhos de Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, dominados pela serra da Cabreira; a segunda ocupa a quási totalidade do concelho de Esposende e parte do de Barcelos.

Sob o ponto de vista geológico é a região, como de resto o Entre-Douro-e-Minho, constituída essencialmente por formações arcaicas e paleozóicas, onde constantemente afloram diversas variedades de granito à menor acidentação do terreno.

Além desta rocha observam-se também afloramentos de xistos argilosos em três faixas — uma que passa pelos concelhos de Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto; outra que sobe de Braga e passa entre os concelhos de Barcelos e Vila Verde; outra, finalmente, que baixa de Esposende a fazer parte da faixa silúrica do concelho de Valongo.

No concelho de Esposende ainda se observam algumas pequenas manchas terciárias e quaternárias.

Da natureza geológica da região deriva evidentemente a constituição das terras aráveis e sua maior ou menor riqueza nos componentes indispensáveis às plantas.

Os solos das elevações, como é próprio dos terrenos graníticos, são pobres em cal e fosfatos, embora ricos em potassa, e por isso necessariamente reservados à sementeira de mato (tôjo) e de pinhal. Já o mesmo não diremos dos terrenos baixos (veigas ou vales), onde a distribuição daqueles constituintes mineralógicos se acha em melhores proporções, mercê dos detritos carregados das zonas altas pelas águas e por estas aí depositados.

Bastante mais rica em cal e fosfatos deve ser a faixa lacustre de Esposende, fertilizada pelos resíduos da fauna e flora marinhas (crustáceos e algas).

Regra geral, os terrenos são leves e fáceis de trabalhar; excluem-se os muito argilosos de algumas zonas xistosas.

A necessidade da exploração máxima da terra para que a população pudesse dela auferir o seu sustento, levou o Homem a trepar a encosta dos montes e a revolver o chão até onde a enxada não encontrasse rocha que lhe impedisse o intento. Embora este esforço se fizesse, e faça ainda, dentro de normas tradicionais e rudimentares, quasi pode dizer-se que os incultos pouco mais ocupam do que as cumiadas das serranias; só os terrenos verdadeiramente ingratos ficaram de mato ou foram semeados de pinhal.

Aproximadamente 50 % da área do distrito pode considerar-se de lavradio.

À conquista do terreno associou-se a da água. À custa de enorme esforço muitas encostas foram dispostas em socacos e tornadas regadias; as águas dos rios e ribeiros são com frequência desviadas e conduzidas a distância em caprichosa obra de hidráulica agrícola para irrigar tractos a 700 metros e mais de altitude.

Nas encostas captaram-se as águas das nascentes e nas chãs abriram-se poços. A água é, por assim dizer, o único elemento capaz de assegurar abundância de pastos no Inverno e Primavera e de encher a tulha no Verão.

O maior rendimento que a experiência tradicional minhota ensina a tirar da terra, é obtido pela associação dos cereais panificáveis com a exploração pecuária; esta, particularmente a do gado bovino, permite ao máximo a valorização dos prados de inverno, ao mesmo tempo que, com os matos das bouças, conduz à formação de estrumes para a cultura cerealífera estival — a do milho, base da alimentação regional. Assim, os afolhamentos e rotações das culturas sucedem-se da seguinte forma:

Terrenos de lima e rega — Susceptíveis de rega contínua de Outubro a Abril com água de ribeiros ou, melhor, de nascentes, ficam de prado de lima; o prado, semeado de erva molar, erva castelhana ou azevém e língua de ovelha, dá cortes desde Novembro ou Dezembro até Abril ou Maio, fora a parte que se *enfena*. Segue-se a sementeira do milho de regadio e em Setembro ou Outubro a de novo prado.

Terrenos de sequeiro— Cêrca da quinta parte da superfície é semeada de centeio, a que sucede a cultura do milho em Maio; os restantes quatro quintos ficam ou não reservados a prado natural, seguindo-se da mesma forma a cultura do milho.

Segundo êstes afolhamentos, o Minho é representado no Verão por um extensíssimo milharal. Contudo vão-se notando já freqüentes modificações no sistema tradicional de cultura; observam-se numerosos batatais e alguns campos de trigo.

Na zona montanhosa, onde o milho não encontra condições favoráveis para todo o seu ciclo vegetativo, as culturas principais são o centeio e, nos lameiros, as gramíneas pratenses, que se fenam no fim do Verão.

Observado o distrito no ponto de vista da sua disposição orográfica, podemos compará-lo a um anfiteatro voltado para o mar, configuração que sem dúvida muito contribui para suavizar a temperatura e manter um elevado grau higrométrico, visto predominarem os ventos do oceano, que arrastam consigo grande quantidade de vapor de água.

Região temperada fria, regular, a sua isotérmica de Inverno acompanha a da Beira Litoral, Ribatejo e Alto Alentejo sem as oscilações excessivas desta; a média no Inverno é de 7º,9. No Verão esta linha não tem correspondente no País a não ser no planalto do Barroso e por vezes na Beira Litoral; a média estival é de 19º,5.

A temperatura média anual regula por 13º,8.

Dominam, como dissemos, os ventos do mar, têpidos e úmidos; são raros os do Nordeste, de que a região está protegida pelas serranias dêsse lado.

No quadriênio de 1935 a 1940 a escala pluviométrica foi representada pela seguinte média e extremos (Pôsto Agrário de Braga):

Média anual	2.093,6 mm.
Máxima	2.947,2 »
Mínima	1.888,4 »

Êste elevado cubo udométrico, só igualado no País pelo das serras da Peneda e da Estrêla, é comparável aos maiores da Europa.

Estamos, de facto, em presença dum clima moderado e úmido, onde geralmente se não fazem sentir os extremos rigores do Verão e do Inverno.

Na zona montanhosa o período hiemal é contudo por vezes frigidíssimo e cai neve durante algumas semanas, principalmente nas cumiadas do Gerez e da Cabreira.

De entre os principais rios, o Cávado e o Homem, seu afluente, têm no

curso superior marcha muito acidentada entre serranias. As águas de um e outro, muito aproveitadas para a rega dos seus campos e das terras socalcadas das encostas, são muitas vezes levadas a grandes distâncias, a lameiros situados muitos metros acima das linhas de água.

Na região sub-montanhosa, onde o aproveitamento das águas é intensivo, beneficiam delas as colinas e vales, já bastante largos e pouco profundos, que acompanham a todo o momento o Cávado, o Homem e o Ave e seu afluente Vizela.

No trço inferior, estes rios e os pequenos Neiva e Este correm já na parte sub-plana através de extensas e fertilíssimas veigas.

Além das águas dos rios, também o lavrador aproveita as águas subterrâneas, para o que abre poços e minas, águas estas muito apreciadas para limar os campos nas quadras frias, pois a sua temperatura, por vezes de 14°, é sempre bastante superior às dos rios e ribeiros.

Nos campos de lima a erva cresce no Inverno com facilidade, porque não é prejudicada pela neve ou pela geada.

No Verão estas águas das nascentes são represadas em tanques ou pôças antes de se lhes dar saída para a rega dos milheirais; as dos poços são igualmente utilizadas em regas durante o Verão, mas tiradas destes por meio de *engenhos* ou *noras*, accionadas geralmente por bovinos.

O relêvo do distrito, que se vai acentuando à proporção que do mar se caminha para Nordeste, atinge as suas maiores altitudes nos confins com a *Terra Fria* de Trás-os-Montes, representadas pela cota de 1.452 metros na serra do Gerez e de 1.276 metros na da Cabreira.

É hábito considerar neste distrito uma *zona plana*, constituída pela orla litoral; uma *zona sub-plana*, com menos de 500 metros de altitude, que se inicia no concelho de Esposende, abrange parte do de Barcelos e de Vila Nova de Famalicão e engloba ainda uma fracção dos concelhos de Vila Verde, Amares, Braga, Guimarães e Fafe; uma *zona sub-montanhosa*, entre 500 e 900 metros, que compreende os concelhos da Póvoa de Lanhoso e Celorico de Basto e a parte restante dos de Vila Verde, Amares, Braga, Guimarães e Fafe; finalmente, uma *zona montanhosa*, que abarca os concelhos de Terras do Bouro, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, onde as altitudes excedem 900 metros.

A parte montanhosa e sub-montanhosa do distrito dedica-se principalmente à criação bovina barrosã.

A exploração arietina tem dois aspectos; a creatopoeise toma o lugar de função predominante nas zonas serranas, enquanto a eriopoeise é o fim principal da ovinicultura na região mais baixa do distrito.

Naquelas zonas o gado cavalari vem, de há muito, a merecer também certo interesse, criando-se aí os melhores garranos.

A zona sub-plana adapta-se especialmente à recriação e engorda do gado bovino.

A parte litoral, dada a sua constituição diferente, a maior abundância de pastagens por ausência de geadas e a fertilidade do solo, enriquecido com restos de seres marinhos (algas, crustáceos, etc.), possui condições superiores para a exploração das raças leiteiras e para a ceva das reses bovinas.

Regime higiôtécnico — O regime geral dos gados é o da semi-estabulação.

Com excepção de umas dúzias de casas agrícolas que se não poupam a sacrificios para melhorarem os alojamentos pecuários e para um mais perfeito equilíbrio dos arraçoamentos, para o que adquirem bagaços de oleaginosas, a generalidade dos lavradores mantém os seus animais segundo o tradicional regime de pouca ou nenhuma higiene.

Os estábulos, escuros, mal ventilados, acanhados e imundos, servem ao mesmo tempo de montureira. Quatro paredes esburacadas onde o pó e as teias de aranha se acumulam à fôrça dos anos; o chão de terra batida, sem esgôto e com fácil infiltração das urinas, recoberto por espessa camada de mato, detritos e alimentos que ali se acumulam durante semanas e meses, tal é a *corte* onde os animais repousam durante a maior parte do ano.

Na região montanhosa, onde se pratica ainda o patriarcal pastoreamento em *vezeiras*, estas são organizadas de Abril ou Maio a Setembro e os bovinos conservam-se estabulados apenas durante a estação rigorosa, nesta época alimentados a feno e palha de centeio.

No resto do distrito a alimentação, condicionada pela rotação das culturas, compõe-se no Inverno (Dezembro, Janeiro e Fevereiro) de gramíneas forraginosas, já abundantes nos prados de lima, e dos pastos dos terrenos de pouso.

A abundância das pastagens de inverno aumenta nos meses da Primavera até os terrenos de sequeiro serem lavrados em Abril para a cultura do milho e em Maio os de regadio. A partir desta data o gado sofre um pouco com a falta súbita de forragem, dispondo apenas, em parte desta estação, de alguns bocados de prado e erva enfenada.

No Verão quasi tôdas as terras estão cultivadas de milho. Não há pastagens, a bem dizer, e o gado recorre à erva dos caminhos, das beiras das ramadas ou dos enforcados e ao mato das bouças até aparecer a fartura do milho das *mondas* (debastes) e depois as bandeiras ou pendões, produtos secundários antecipadamente fornecidos pelos milheirais e distribuídos no estábulo.

O Outono traz consigo uma crise alimentar bastante sensível depois da colheita do milho e enquanto os prados não dão corte ou não surgem as ervas espontâneas; os animais são então alimentados com palha de milho da colheita e palha de centeio ou de trigo.

O trigo, o milho e o centeio, em grão ou farinados, e as respectivas sê-meas ou os farelos, raramente se distribuem aos animais; exceptuam-se os suínos, cuja base da alimentação é a farinha de milho e algumas vezes a de centeio, esta nas zonas mais altas do distrito, onde a cultura dêste cereal praganoso se faz com certa amplitude.

ESPÉCIES PECUÁRIAS

As espécies pecuárias, segundo a sua importância económico-agrícola, dispõem-se pela ordem por que a elas nos vamos seguidamente referir.

BOVINOS

Constituem a base da riqueza pecuária da região minhota, para a qual concorrem com cerca de 79,02 % do valor total dos efectivos armentosos.

Nesta espécie encontram-se representadas as raças barrosã e galega e a sub-raça turina.

RAÇA BARROSÃ

Disseminada por tôda a área desta Intendência de Pecuária, mas a sua densidade um pouco atenuada nas zonas onde mais se explora a vaca turina ou o gado galego, é a raça bovina autóctone mais estimada na região, cujo efectivo se pode calcular em cerca de 98.600 cabeças, ou sejam 93 % do número total de bovinos do distrito.

Podemos distinguir na raça barrosã duas variedades, ambas com semelhantes caracteres morfológicos:

Uma dessas variedades, cujos representantes, aqui criados ou vindos directamente do Barroso, são conhecidos por *marelos*, tem côr castanha, por vezes acerejada ou fulva, pêlos compridos e ligeiramente ondeados, que os lavradores algumas vezes arrepiam em contrapêlo com a mão untada de qualquer gordura (azeite de preferência), o que lhes dá um aspecto de encaracolado ou frisado. Enquanto novos êste frisado é uma particularidade natural e, segundo o bezerro ou a novilha têm os pêlos mais ou menos compridos, assim o Povo diz que o animal tem bons ou maus *felpos*.

Os indivíduos desta variedade parece terem melhor aptidão dinâmica e adipogénica, o que os torna mais apreciados nas zonas recriadoras e dedicadas à engorda.

A outra variedade, de pelagem mais clara, um tanto amarelada e curta, manifesta maior vocação galactófora que a de pelagem escura, e as vacas são procuradas sobretudo por pessoas que se dedicam especialmente à criação de vitelas destinadas ao talho. O gado desta côr é designado por *pisco* e admitimos, embora sob reserva, que esta variedade se filie ainda no gado braguês (barrosão-galego), hoje completamente apagado, o que parece afirmar-se através duma conformação de cabeça pouco mais comprida e estreita, órbitas geralmente menos salientes e chanfro muitas vezes ligeiramente convexo, o que se não nota no gado considerado puro e no oriundo do Barroso.

A raça barrosã é explorada nas funções de criação, de trabalho e de ceva e na produção de algum leite.

A criação é praticada principalmente nos concelhos mais acidentados do nordeste do distrito, onde a grande maioria dos bovinos é representada por vacas.

Nestas zonas, além da criação dos vitelos, os lavradores aproveitam o trabalho das vacas e o pouco leite que resta da amamentação das crias.

Ao contrário, nas regiões mais baixas do distrito observa-se principalmente a recriação de indivíduos masculinos, que são cevados geralmente dos seis aos oito anos depois de haverem prestado trabalho desde os catorze ou dezóito meses.

Nota-se contudo, de há bastantes anos, que os lavradores vão manifestando

cada vez menor interêsse pela recria e ceva dos bois, para se dedicarem mais à exploração de vacas desta raça, certamente pelo maior rendimento que elas lhes proporcionam. É desta forma que, por exemplo, os concelhos de Barcelos e de Vila Nova de Famalicão, justamente afamados pelos excelentes bois barrosãos que produziam, possuem hoje grande número de vacas de criação e trabalho.

A vocação lactígena das vacas barrosãs é relativamente reduzida e explorada em pequena escala; observa-se todavia na região montanhosa, onde algum leite se consome em natureza e do qual ainda se extrai um pouco de manteiga, fabricada por processos caseiros.

Na área abastecedora de leite à cidade de Braga encontram-se igualmente algumas centenas de vacas barrosãs produtoras de leite para consumo em natureza, mas o número vai-se reduzindo gradualmente não só pelo prejuízo que a exploração leiteira de vacas barrosãs ocasiona à criação dos vitelos, como pela expansão da sub-raça turina nesta zona.

RAÇA GALEGA

Os bovinos galegos encontram-se em todo o concelho de Esposende, principalmente no seu extremo norte, e na parte noroeste do concelho de Barcelos, no vale do Neiva.

Pode computar-se em 750 o número de cabeças de gado galego nesta zona, correspondente a pouco mais de 0,5 % do efectivo bovino total.

A representação da raça galega no distrito é constituída quasi totalmente por vacas exploradas em função lactígena e nos trabalhos agrícolas. As crias vão cedo para o matadouro e o leite destina-se principalmente à fabricação de manteiga.

SUB-RAÇA TURINA

Este grupo de gado holandês, que não interessa senão a metade dos concelhos da área desta Intendência de Pecuária, localiza-se de preferência em tôrno dos maiores centros populacionais (Braga, Barcelos, Guimarães e Vila Nova de Famalicão) e nas zonas industriais de lacticínios (Esposende, parte setentrional do concelho de Barcelos e zona de Vizela do concelho de Guimarães).

Nos restantes concelhos observam-se também algumas dezenas destes animais, cuja importância não marca no meio pecuário.

O número de cabeças turinas em relação ao total do efectivo vacum é de 6,5 %.

Os representantes deste gado são constituídos quasi exclusivamente por fêmeas, animais êstes de fraca estirpe, desprovidos de apreciáveis características étnicas e lactoscópicas, muito especialmente as das zonas industriais de lacticínios.

Na região da beira mar, além da exploração leiteira, estas vacas são utilizadas em trabalho de lavras e carretos.

Na zona da indústria leiteira o gado turino tem sido objecto de muitos cruzamentos, principalmente com a raça galega, na mira de obter animais mais sóbrios, com melhor aptidão para os trabalhos agrícolas e produtores de leite mais butiroso embora em menos quantidade.

SUÍNOS

Os suínos, que ocupam o segundo lugar na escala das espécies armentosas em relação à importância destas na economia pecuária do distrito, têm um valor que deve atingir cerca de 11,49 % do capital pecuário.

A raça autóctone é a bísara, representada por animais pouco precoces e de conformação menos própria para ceva, designados por *porcos da terra*.

Outra raça fortemente representada no distrito, principalmente nos concelhos de Barcelos, Vila Nova de Famalicão, Braga e Guimarães, é a Yorkshire, sub-raça Large-White, cuja introdução data de há bastantes anos e na qual tem desempenhado papel importante o Sindicato Agrícola de Barcelos com a manutenção contínua de varrascos desta raça, a tal ponto que neste concelho os suínos dêles descendentes são vulgarmente conhecidos por *porcos do Sindicato*.

Há ainda, muito espalhado, um outro grupo de suínos, geralmente apreciados por terem maior precocidade e corpulência que os bísaros, a que o vulgo dá o nome de *cardos*, os quais devem constituir produto do cruzamento dos porcos autóctones com variadas raças exóticas, de há muito importadas para o Minho.

No intuito de desenvolver a precocidade nos porcos bísaros e de a aumentar nos cardos, tem-se praticado bastante o cruzamento do Large-White com uns e outros.

OVINOS

Os arietinos, que representam neste distrito 3,44% do valor das espécies pecuárias, pelo que a êste respeito lhes cabe o terceiro lugar, pertencem à sub-raça bordaleira e estão presentes nas três variedades — comum, feltrosa e churra.

Impossível fixar, mesmo aproximadamente, o número de cabeças que cabem a cada variedade, por se encontrarem por vezes no mesmo rebanho animais pertencentes a mais de uma.

É interessante notar que desde o mar até às maiores altitudes da serra do Gerez e da Cabreira, isto é, desde o concelho de Esposende até aos de Terras do Bouro, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, os ovinos, à medida que os rebanhos apresentam maior número de cabeças, vão passando do bordaleiro comum, por vezes mesmo amerinado, até ao bordaleiro-churro.

Segundo a sua conformação e aspecto da lã, o vulgo designa os arietinos da região por *meirinhos*, *campinos* e *galegos* ou *bravos*. Os primeiros são os mais apreciados bordaleiros comuns, amerinados; nos restantes, feltrosos e churros, distinguem-se entre êles os campinos por maior desenvolvimento e melhor velo em virtude de pastarem nos campos, daí a sua designação, onde geralmente acompanham os bovinos.

EQUÍNOS

O quinhão dêste gado no valor total da pecuária do distrito, segundo os nossos cálculos, é de 2,68%.

A raça autóctone, e também dominante, é a luso-galiziana, cujos representantes, conhecidos pelo nome de *garranos*, povoam mais densamente os concelhos

serranos da zona nordeste do distrito, onde com frequência a sua exploração se faz em exclusivo regime manadio.

Animais muito sóbrios e extraordinariamente rústicos, são dotados de grande resistência não obstante a sua pequena corporatura. Em geral não ultrapassam 1^m,35 de altura.

Podemos admitir que dois terços da população hípica é constituída por garranos e o resto por cavalos de marca e pelos de tipo intermediário, estes conhecidos entre o vulgo com o nome de *facas*.

Os cavalos de marca não possuem características étnicas definidas; são produtos do cruzamento de éguas, importadas há longo tempo de outras regiões, com padreadores árabes, luso-árabes, andaluzes, etc., distribuídos desde há bastantes anos pelos serviços oficiais do Ministério da Guerra e do Ministério da Agricultura.

As *facas*, que são principalmente o resultado do cruzamento dos cavalos de marca da região com as garranas, ou vice-versa, e que podem classificar-se como *cavalos pequenos*, prestam bons serviços no Minho, onde são de preferência utilizados no tiro ligeiro e como montada de feirantes. Herdando do cavalo um pouco de ligeireza e do garrano a rusticidade e a sobriedade, são por vezes muito apreciados e pagos por alto preço, sobretudo quando têm o condão de *correrem trabalhos*. Mais resistentes para o trabalho que o próprio cavalo, percorrem léguas e léguas neste andamento durante dias seguidos.

CAPRINOS

O gado cabrio, que contribui com 2,34% para o valor da pecuária do distrito, encontra-se representado principalmente por duas raças: uma de pêlo comprido, classicamente denominada serrana, jarmelense ou saloia e aqui conhecida por *alentejana* ou *mansa*; a outra, de pêlo curto e tipo charnequeiro, povoa a região montanhosa e por isso chamada *cabra da serra* ou *brava*.

Pode calcular-se em dois terços o número de cabeças do tipo charnequeiro em relação ao efectivo caprino total e as zonas onde esta raça é explorada, são as de terreno mais acidentado dos concelhos de Terras do Bouro, Amares, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto.

Os caprinos do tipo jarmelense ocupam os restantes concelhos do distrito e as melhores extensões de cultura dos concelhos montanhosos.

O fim principal da exploração caprina nas zonas serranas é a pedopoese, embora com o leite se fabrique também algum queijo, mas em diminuta quantidade.

Com as cabras chamadas *mansas*, além da criação, visa-se a produção do leite para consumo em natureza. São as *vacas leiteiras* da gente pobre.

Encontram-se também com certa frequência produtos de cruzamento destas duas castas.

MUARES

As muares, que apenas representam 0,80% do valor total da pecuária do distrito, são na quasi totalidade híbridos eguariços, filhos de éguas garranas ou agarranadas e de jumentos de pequena estatura, e não ultrapassam geralmente 1,40 m. de altura.

As muares com maior estatura ou são provenientes do sul do País ou oriundas do Barroso, embora algumas delas recriadas no distrito. Utilizadas por via de regra em trabalho de carga a dorso, especialmente ao serviço de moleiros, são por isso vulgarmente chamadas *mulas de moleiro*.

ASININOS

O gado asnar, que não excede 20 % do valor global da pecuária do distrito, é geralmente representado por animais pequenos do tronco europeu, em que predomina a pelagem escura.

Fora de algumas zonas serranas, onde os donos lhes dispensam certos cuidados pelos bons serviços que prestam, são seus detentores os pobres, para quem eles representam o cavalo ou a muar e com quem partilham muitas vezes das mesmas privações e misérias.

Intendência de Pecuária de Braga, 26 de Maio de 1941.

O Intendente de Pecuária,

João Beleza Ferraz